

# Os mestres construtores de shakuhachi em São Paulo e região

**Palavras-Chave:** Shakuhachi, ensino de shakuhachi, imigração japonesa, mestres/professores, comunidades de prática.

**Autores/as:**

João de Alcântara Clímaco, IA, UNICAMP

Prof.<sup>(a)</sup> Dr.<sup>(a)</sup> Suzel Ana Reily (orientadora), IA, UNICAMP

---

## INTRODUÇÃO:

O shakuhachi é um instrumento milenar Japonês, vindo provavelmente da China em meados do século VIII. É feito originalmente de uma espécie de bambu japonês conhecido como madake (*Phyllostachys bambusoides*). O shakuhachi é um instrumento membro da família dos “aerofones”, instrumentos de sopro que não tem aeroduto (OLIVEIRA PINTO, 2001, p. 271-274), e é uma flauta vertical pentatônica, com 5 furos para os dedos, idealmente feita com os 7 primeiros veios do bambu, sendo os 3 primeiros a raiz, que é usada na construção da flauta não só por seu efeito visual mas também por seu efeito sonoro.



Figura 1 - Shakuhachi - Fonte:  
<https://flutejournal.com/the-shakuhachi-by-riley-lee/>

O shakuhachi é um instrumento muito importante para a cultura japonesa. Com a migração para o Brasil, o shakuhachi foi disseminado no país, mas era usado principalmente pelos imigrantes e suas famílias.

Com a vinda do instrumento para o Brasil, algumas práticas mudaram com relação às formas japonesas, na relação do estudante com seu instrumento e, principalmente, na construção dele, que foi e ainda está sendo modificada pelos mestres brasileiros. O processo de construção do shakuhachi é complexo e muito demorado. Da coleta do bambu até a finalização do instrumento leva-se no mínimo 2 anos.

O shakuhachi foi introduzido ao Brasil por imigrantes japoneses que trouxeram o instrumento do Japão no início do século 20 (HIROSHI FUCHIGAMI, 2014, p. XI). A imigração japonesa para o Brasil enriqueceu muito a cultura do país, e na música não foi diferente. Além do shakuhachi, outros instrumentos como a flauta transversal shinobue e a “cítara japonesa”, koto, foram apresentados ao Brasil por essa população de imigrantes.

Com a popularização do shakuhachi no Brasil, mais pessoas começaram a se interessar pelo instrumento. Agora, não só os imigrantes e seus descendentes se interessam pelo shakuhachi no Brasil, mas também muitos brasileiros sem nenhuma ligação sanguínea com o Japão. O grupo Suizen Dojo, por exemplo, é um grupo de prática de shakuhachi inteiramente brasileiro que não foi criado por japoneses nem descendentes e não é constituído por pessoas de tal grupo étnico (FUCHIGAMI, 2013, p. 2)

Com o crescimento do uso do shakuhachi no Brasil, surge a necessidade de serviços específicos na área de manutenção do instrumento. Da manutenção para a construção do shakuhachi por completo foram pequenos passos, e assim surgiram os mestres construtores brasileiros. Com isso, as técnicas e os materiais usados na construção do shakuhachi também começaram a ganhar novas formas. De acordo com os relatos do Sensei Cláudio Yoshiwara, um construtor e reparador de shakuhachi nipobrasileiro, um dos primeiros shakuhachi construído no Brasil com bambu brasileiro foi feito pelo construtor Sr. Kinsaku Asano, que imigrou para o Brasil em 1927. Além do mestre Asano, outro mestre muito importante para a história do shakuhachi no Brasil é o Sensei Akio Yamaoka, que nasceu na província de Akita, no Japão, em 1942, e em 1955 migrou para o Brasil com sua família. Em 1974, em São Paulo, começou a estudar shakuhachi com o mestre Sagara Youzan, e hoje é o único mestre nascido no Japão que reside no Brasil ensinado e construindo o shakuhachi.

### **METODOLOGIA:**

A principal forma de pesquisa utilizada neste artigo foi a pesquisa de campo, contando com pesquisa de observação, entrevistas e pesquisa de observação participante. O uso de pesquisa bibliográfica e audiovisual também foi feito, para contextualizar o shakuhachi e sua história, tanto no Brasil quanto no Japão.

A ideia do projeto foi focada na pesquisa de observação participante, onde acompanhei os construtores de shakuhachi Lucas Tomiatti e Claudio Yoshiwara, em seus ateliês, no processo de fabricação do instrumento. De certa forma,



*Figura 2 - Processo de construção de um Shakuhachi Hochiku, com Lucas Tomiatti - Acervo pessoal*

estive também envolvido na construção, para que pudesse aprender e experienciar de perto o processo, podendo ter uma visão mais completa. As experiências coletadas nestas ocasiões, juntas com relatos dos mestres e da história da construção do shakuhachi no Brasil ofereceram um panorama de como ela acontece e de como diferem das práticas no Japão.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO:

O processo de construção do shakuhachi no Brasil não costuma diferir muito do feito no Japão. As principais mudanças se dão na utilização de materiais diferentes dos que são usados originalmente. O bocal é tradicionalmente entalhado com chifre de búfalo ou veado, mas estes materiais são muito caros para serem usados em instrumentos de nível não profissional. Uma saída que foi encontrada é usar o pvc ou alguma liga plástica mais resistente no lugar nos chifres. Outro material que não é facilmente encontrado no Brasil é o urushi, a laca japonesa, usada para impermeabilizar o interior do instrumento. Apesar do preço não ser exorbitante, muitos mestres optam por materiais de mais fácil acesso, como o verniz.



*Figura 3 - Shakuhachi de Lucas finalizado com verniz - Acervo pessoal*

A maior diferença, porém, está no uso do bambu. O madake, usado tradicionalmente na construção do instrumento não é um bambu brasileiro, e é de difícil acesso no país. A importação também não é barata. Existem outros bambus usados na construção do shakuhachi, como o cana-da-índia (*Phyllostachys aurea*) e o bambu amarelo (*Bambusa vulgaris vittata*).

Mesmo o madake, quando colhido no Brasil, não tem os mesmos padrões estéticos do bambu japonês. O madake ideal para a construção do shakuhachi deve vir de regiões montanhosas de solo pouco nutritivo, pois o bambu será mais denso e terá um diâmetro menor. Além disso, as grandes diferenças de temperatura entre as estações do ano no Japão ajudam o bambu a ficar mais resistente a mudanças climáticas. O shakuhachi, independente de seu tamanho, deve ser construído com um bambu de 7 nós, sendo 3 na raiz e 4 no resto do corpo. O bambu madake



*Figura 4 - Shakuhachi construído por Yoshiwara sensei, com bambu brasileiro - Disponível em <https://www.facebook.com/shakuhachikouyoubr/>*

que é colhido no Brasil não segue esses parâmetros, provavelmente por uma questão climática. Deste modo, qualquer shakuhachi construído no Brasil não atingirá os padrões estéticos dos melhores shakuhachis feitos no Japão. Isso acaba resultando em algumas diferenças sonoras, pois muitos mestres optam por deixar de lado a raiz no fim do instrumento, o que tem certo impacto sonoro.

Outro envolvimento ativo dos mestres com a comunidade são os serviços de reparos nos shakuhachi. Por se tratar de um instrumento feito apenas com materiais naturais, o shakuhachi é muito sensível ao clima, e muitas vezes racha. um ponto frágil é o utaguchi, o bocal do shakuhachi, que é a parte mais exposta do instrumento, por estar sempre em contato com a boca do instrumentista.



Além disso, muitos instrumentos em circulação foram fabricados há muitos anos, e muitas vezes precisam de ajustes de afinação. Portanto, o trabalho de reparo é muitas vezes mais frequente do que a própria construção, e muitos mestres, assim como Akio Yamaoka sensei, se especializam nos serviços de manutenção.

*Figura 5 - Shakuhachi japonês reparado pelos sensei Yamaoka e Yoshiwara - Disponível em <https://www.facebook.com/shakuhachikouyoubr/>*

## CONCLUSÃO

Desde a chegada do povo japonês no Brasil, sua música e cultura vêm sendo praticadas no país. Sendo o shakuhachi uma peça tão importante da cultura japonesa, não é de se surpreender sua rápida disseminação, primeiro entre a comunidade nipo-brasileira, e postumamente entre brasileiros. No início, a demanda por mestres construtores era menor, pois os instrumentos eram trazidos diretamente do Japão. Conforme o passar do tempo, sendo o shakuhachi um instrumento frágil construído de materiais naturais, surge a necessidade de reparos nos instrumentos. A partir desse momento, surge a demanda de luthiers que façam os reparos nos instrumentos. Com o aumento da população interessada no shakuhachi, cresce a necessidade de construtores que estejam trabalhando ativamente no Brasil, e assim, esses luthiers se dedicam também ao processo de construção do instrumento todo. Foi esse o caso do sensei Matsuda, um dos primeiros construtores de shakuhachi residente no Brasil, e também do sensei Yamaoka. Pela inviabilidade de importar todo o material do Japão para a construção do shakuhachi no Brasil, surgem as práticas de construção com materiais brasileiros, primeiramente de improviso, para um momento de urgência ou aperto, mas futuramente, a prática se torna comum entre os mestres construtores, principalmente com a chegada do sensei

Yoshiwara no mercado de comercialização de shakuhachi, com instrumentos mais simples para alunos iniciantes que não estão dispostos a gastar uma quantidade maior em seu primeiro instrumento. Essa prática se torna cada vez mais comum, e hoje temos construtores de shakuhachi como Lucas, que faz o uso de materiais e técnicas não tradicionais na construção de seus instrumentos, que são muito elogiados e procurados pela comunidade.

Podemos ver como o processo de construção vem sendo adaptado para suprir as necessidades da comunidade brasileira, desde os pequenos reparos até a construção completa de um instrumento, podendo essa ser feita inteira com materiais locais. Os mestres construtores de shakuhachi vem aproximando cada vez mais essa arte tão tradicional à comunidade brasileira que se interessa por ela, e através das suas inovações e criatividade, torna possível que mais pessoas tenham acesso a esse instrumento tão maravilhoso que é o shakuhachi.

## **BIBLIOGRAFIA**

DAY, Kiku. Changes in the Construction of the Jinashi Shakuhachi in the Late 20th and Early 21st Centuries. **European Shakuhachi Society Journal**, v. 1, p. 62-85, 2011.

FUCHIGAMI, Rafael Hirochi. Caminhos paralelos do shakuhachi no Brasil. Trabalho apresentado no 13 Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música. Natal, 2013

FUCHIGAMI, Rafael Hirochi; OSTERGREN, Eduardo Augusto. Shakuhachi: de arma de combate e ferramenta religiosa a instrumento musical. **OPUS**, v. 16, n. 1, p. 127-147, 2010.

FUCHIGAMI, Rafael Hirochi. Aspectos culturais e musicológicos do shakuhachi no Brasil. 2014. **Tese de Doutorado**. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Instituto de Artes.

INGOLD, Tim. **Making: Anthropology, archaeology, art and architecture**. Routledge, 2013.

KEISTER, Jay. The shakuhachi as spiritual tool: A Japanese Buddhist instrument in the West. **Asian Music**, p. 99-131, 2004.

MICHAEL WEBER, David. Komuso: Japanese Zen Priest 2008

PINTO, Tiago de Oliveira. Som e música. Questões de uma antropologia sonora. **Revista de antropologia**, v. 44, p. 222-286, 2001.